



ANO DE NOVE, ANO DE VARÍOLA: A EPIDEMIA DE 1919, EM SALVADOR, BAHIA.

Christiane Maria Cruz de Souza*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA
christianemaria@ifba.edu.br

Gilberto Hochman**

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
hochman@fiocruz.br

RESUMO: Esse artigo analisa a resposta da população de Salvador à epidemia varíola que incidiu com violência sobre a cidade no segundo semestre de 1919. Os mecanismos de cognição e defesa adotados pelos soteropolitanos no decorrer da epidemia serão pontos desenvolvidos nesse texto. Focaliza os ritos coletivos e individuais informados tanto por concepções científicas quanto religiosas, que abrangeram desde medidas sanitárias, como o isolamento dos casos suspeitos, o expurgo da casa e dos objetos do enfermo, até rituais religiosos como reuniões de oração, procissões, dentre outros. A análise desses ritos permite a percepção dos valores socioculturais daquela sociedade, revelados sob o impacto da epidemia.

PALAVRAS-CHAVE: Epidemias – Varíola – Religião – Medicina – Bahia

ABSTRACT: This article examines the response of the population of Salvador to the smallpox epidemic which dealt with violence on the city in the second half of 1919. The mechanisms of cognition and defense adopted by the “soteropolitanos” during the epidemic are the main issue that will be developed. The article focuses on individual and collective rites informed by both scientific and religious conceptions, which ranged from health measures such as isolation of suspected cases, the purge of the house and the objects of the sick and also religious rituals and practices such as prayer meetings, processions, among others. The analysis of these rites allows the perception of socio-cultural values of that society, revealed under the impact of the smallpox epidemic.

KEYWORDS: Epidemics – Smallpox – Medicine – Religion – Bahia

* Doutora em História das Ciências pela Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz. Professora do Instituto Federal da Bahia (IFBA), onde integra o Núcleo de Tecnologia em Saúde. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UEFS/UFBA).

** Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ. É pesquisador da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz e do CNPq, e Professor do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da COC/Fiocruz.

Nas últimas décadas do século XX, em meio a um contexto de avanços e retrocessos da medicina,¹ despontaram trabalhos inovadores no campo da historiografia, que incorporaram métodos e metodologia apropriados ao esforço de cognição do processo saúde-doença, no contexto biossocial em que este binômio se insere.² Esse talvez seja a grande conquista nesse campo, pois se rompeu com o apartamento do sujeito doente e da doença do contexto no qual estavam inseridos.

Nesta perspectiva se inserem os trabalhos de Charles Rosenberg, que elabora o conceito de *framing*, segundo o qual as doenças não podem ser examinadas fora da estrutura social em que estão inseridas, que as definem e são por ela definidas.³ Para Rosenberg, as implicações das causas morbígenas sobre a vida ultrapassam o biológico, uma vez que a doença incide em um contexto humano. Assim, o esforço de cognição do processo saúde-doença sofre influência do contexto em que a enfermidade emerge, mas pode provocar também respostas políticas, científicas, tecnológicas, econômicas e socioculturais que interferem em tal contexto. Em seu trabalho pioneiro sobre as epidemias de cólera de 1832, 1849 e 1866 nos Estados Unidos, Rosenberg chamava a atenção para as articulações entre o evento epidêmico e as dimensões de gênero, etnia, status socioeconômico e religião na Nova Iorque de meados do século XIX.⁴

Neste artigo nos propomos a analisar a resposta da população de Salvador à epidemia varíola que incidiu com violência sobre a cidade no segundo semestre de 1919. Os mecanismos de cognição e defesa adotados pelos soteropolitanos no decorrer da epidemia serão pontos que nos propomos a desenvolver nesse texto. Interessamo-nos por analisar os ritos coletivos e individuais informados tanto por concepções científicas quanto religiosas, que abrangeram desde medidas sanitárias, como o isolamento dos

¹ A erradicação da varíola, certificada em 1980, criou um clima otimista, estimulando a crença na eliminação de outras doenças imunopreveníveis como a poliomielite. Todavia, o surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/AIDS) em caráter pandêmico cancelou otimismo que pairava sobre as possibilidades de erradicação de doenças.

² Estudos inovadores vêm ganhando destaque nas universidades européias, norte-americanas e latino-americanas. O Brasil segue essa tendência, com uma produção crescente de trabalhos nesse campo, especialmente, aqueles desenvolvidos nos programas de pós-graduação e nas instituições de pesquisa, onde o campo se firmou como uma área importante para a compreensão da sociedade e suas problemáticas contemporâneas.

³ ROSENBERG, Charles E. **Explaining epidemics and other studies in the history of medicine**. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, 1992; _____. The tyranny of diagnosis: specific entities and individual experience. **The Milbank Quarterly**, Oxford, UK, v. 80, n. 2, p. 237-60, 2002; _____, Charles; GOLDEN, Janet. **Framing disease: studies in cultural history**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1997.

⁴ ROSENBERG, C. **The Cholera Years**. Chicago: The University of Chicago, 1962.

casos suspeitos, o expurgo da casa e dos objetos do enfermo, até rituais religiosos como reuniões de oração, procissões, dentre outros. A análise desses ritos permite a percepção dos valores daquela sociedade, revelados sob o impacto da epidemia.

A varíola tem sido alvo de um conjunto numeroso trabalhos de historiadores e cientistas sociais. No caso brasileiro, parte substancial da historiografia se debruçou sobre o episódio da chamada “Revolta da Vacina”, ocorrida em novembro de 1904, na então capital federal, a cidade do Rio de Janeiro, buscando compreender suas origens e dinâmicas a partir das dimensões políticas, sociais e culturais que a doença e a vacina mobilizavam.⁵ Outra parte sobre a chegada e a difusão da variolização e da produção da vacina antivariólica no Brasil dos séculos XIX e início do XX.⁶ Mais recentemente, com a erradicação da varíola confirmada e anunciada pela Organização Mundial da Saúde em maio de 1980 – o único caso de uma doença erradicada pela ação humana – emergiu uma bibliografia buscando compreender como foi possível em nível nacional e internacional alcançar um objetivo considerado décadas antes impossível.⁷ No caso da varíola, a atenção da bibliografia sobre o Brasil recaiu sobre a cidade do Rio de Janeiro, particularmente sobre o evento de 1904, e pouco atentou para dimensões e cores mais locais que as epidemias de varíola adquiriram no Brasil na primeira metade do século XIX.

O objetivo desse artigo, ao focar a cidade de Salvador em 1919 e o impacto da varíola sobre a cidade, seus habitantes e as respostas deste e da saúde pública, além de preencher lacunas é, também, contribuir para a compreensão das relações entre epidemias, experiências urbanas e práticas sociais e culturais. Esse texto se divide em duas partes. Na primeira discutimos a memória da doença naquela sociedade em face

⁵ Por exemplo: BENCHIMOL, J. L. **Pereira Passos: um Haussmann tropical** – A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990; CARVALHO, J. M. D. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987; CHALHOUB, S. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Cia das Letras, 1996; MEADE, T. “Civilizing Rio de Janeiro”: the public health campaign and the riot of 1904. **Journal of Social History**, v. 20, n. 2, p. 301-22, 1986; NEEDELL, J. D. The Revolta contra vacina of 1904: the revolt against “modernization” in belle époque Rio de Janeiro. **The Hispanic American Historical Review**, v. 67, n. 2, p. 233-69, 1987.

⁶ FERNANDES, T. M. **Vacina antivariólica: ciência, técnica e o poder dos homens, 1808-1920**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

⁷ Por exemplo: BHATTACHARYA, S. **Expunging variola: the control and eradication of smallpox in India, 1947-1977**. New Delhi: Orient Longman, 2006; HOCHMAN, G. Priority, invisibility and eradication: the history of smallpox and the Brazilian public health agenda. **Medical History**, v. 53, n. 2, p. 229-52, Apr 2009.

das epidemias de varíola que grassaram na cidade no intervalo de 30 anos. Embasamos essa discussão basicamente em dados recolhidos nas mensagens de governadores enviadas à Assembléia Legislativa, nos relatórios dos servidores públicos e no censo realizado no período estudado.

Na segunda parte do artigo, apresentamos a trajetória da epidemia em Salvador, analisando as condições que favoreceram a propagação da doença e sua repercussão no cotidiano da cidade. Os jornais em circulação na cidade de Salvador foram a principal fonte de informação, por revelar as condições sanitárias da capital do estado; o número de pessoas infectadas e/ou vítimas da doença; as impressões e sentimentos suscitados pela disseminação da doença e intensificação das mortes; os ritos e medidas adotadas no enfrentamento da epidemia; etc. Além dessa documentação, as mensagens do governador, os relatórios do diretor e dos servidores da saúde, assim como outras fontes secundárias, nos ajudaram a compor o quadro da cidade dominada pela varíola.

ANO DE 1919, ANO DE VARÍOLA

Durante muito tempo, a varíola se constituiu em ameaça real para os soteropolitanos,⁸ a ponto de ter se usual a expressão: “na Bahia anno de nove, anno de varíola”.⁹ Este adágio popular mereceu destaque na mensagem enviada à Assembléia Legislativa, em 1930, pelo governador Vital Soares, que fez questão de destacar que, apesar do número, o ano de 1929 passou sem que irrompesse uma epidemia de varíola em Salvador.¹⁰

A despeito da memória coletiva sobre a doença, epidemias com altas taxas de morbidade e mortalidade atingiram a capital do estado em anos que nem sempre terminavam em nove. Uma das mais graves irrompeu em 1897, quando 4.575 pessoas foram acometidas pela varíola e 1.676 foram a óbito. As taxas continuaram altas no ano

⁸ Nascido ou residente em Salvador.

⁹ Mensagem apresentada pelo Exmo. Snr. Dr. Vital Henrique Baptista Soares, Governador do Estado da Bahia, à Assembléia Geral Legislativa por ocasião na abertura da 2ª reunião ordinária da 20ª Legislatura. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1930, p. 36.

¹⁰ Segundo o secretário de saúde, Barros Barreto, a redução no número de casos da doença teria sido resultado da intensificação da vacinação naquele quadriênio, com um coeficiente de positividade nas inoculações realizadas superior a 90%. Cf.: BARROS BARRETO, A. L. C. de. **Relatório da Secretaria de Saúde e Assistência Pública**. Anno 1929. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1930, p. 6-8.

seguinte, foram 780 casos e 168 óbitos em 1898. Entre 1899 e 1903, o número de adoecimentos e mortes foi relativamente pequeno, até que, a partir de 1904, as cifras de morbidade começaram a crescer, mas a mortalidade continuou relativamente baixa.

No gráfico a seguir optamos por apresentar os dados de morbi-mortalidade considerando um intervalo de trinta anos – de 1899 a 1929 –, tomando como referência o aforismo popular citado no início desse texto. Vejamos:

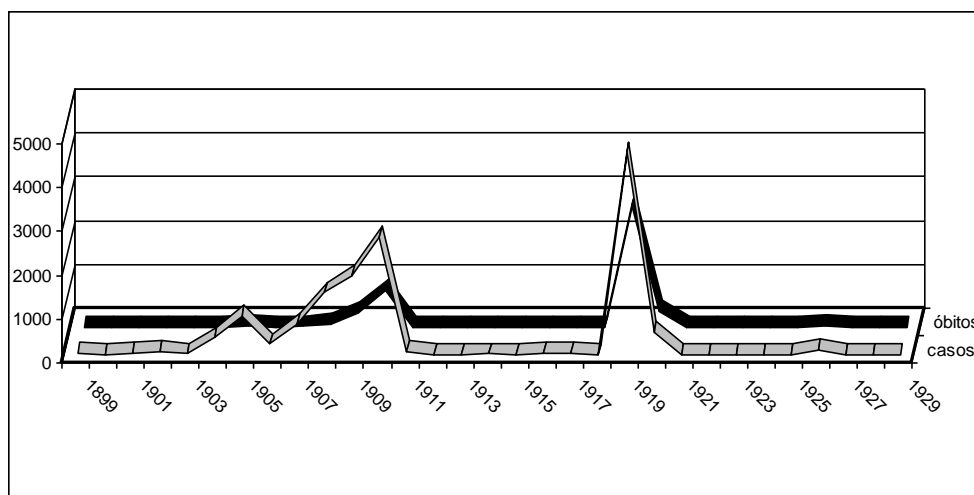


Gráfico 1: Casos e óbitos de varíola na cidade de Salvador, Bahia (1909-1929).

Fonte: BARROS BARRETO, A. L. C. de. Relatório da Secretaria de Saúde e Assistência Pública. Anno 1929. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1930, p. 6-8.

Conforme se pode observar no gráfico acima, após um período curto de declínio da varíola, em 1909, as taxas de morbidade e mortalidade começaram a crescer, atingindo as cifras de 328 mortos e 1.813 doentes neste ano. Em 1910, essas taxas atingiram graus mais elevados que no ano precedente: 2.697 casos e 835 mortos. A partir de 1911, os números começaram a decrescer até que, em 1919, irrompeu a epidemia de varíola mais devastadora que a Bahia conheceu: entre junho e dezembro do referido ano, 4.612 pessoas foram acometidas e 2.804 foram vitimadas pela doença.¹¹

O biênio de 1918-1919 foi particularmente desastroso para a saúde dos soteropolitanos. Não por acaso, o número de habitantes de Salvador passou dos 348.130, computados em 1912, para os 283.422 registrados pelo censo de 1920.¹² O

¹¹ Cf. MONIZ DE ARAGÃO, Antonio F. **Exposição apresentada pelo Dr. Antônio Ferrão Moniz de Aragão ao passar o governo da Bahia ao seu sucessor**, o Exmo. Sr. Dr J. J. Seabra empossado nesse dia no cargo de governador do Estado no quadriênio de 1920 a 1924. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1920.

¹² Cf. Recenseamento do Brazil. Realizado em 1 de Setembro de 1920. (4º censo geral da população e 1º da agricultura e das indústrias). Rio de Janeiro: Typ. da Estatística; 1926.

impacto demográfico produzido pelo alto índice de mortalidade por doenças transmissíveis em Salvador parece ter sido significativo.

A epidemia de gripe espanhola irrompeu em Salvador entre setembro e dezembro 1918.¹³ No ano seguinte, a população foi atingida por uma epidemia de varíola. Em paralelo, os jornais também registraram surtos de febre amarela.¹⁴ Contudo, apesar de a imprensa noticiar a presença da febre amarela, nos registros oficiais o número de casos era insignificante, fazendo com que o governo estadual extinguisse o serviço especializado.¹⁵ A malária e a tuberculose, doenças que não apareciam nas páginas dos jornais, mas retiravam, frequente e assustadoramente, vidas na Bahia do final da década de 1910, conforme ilustra o gráfico, a seguir:

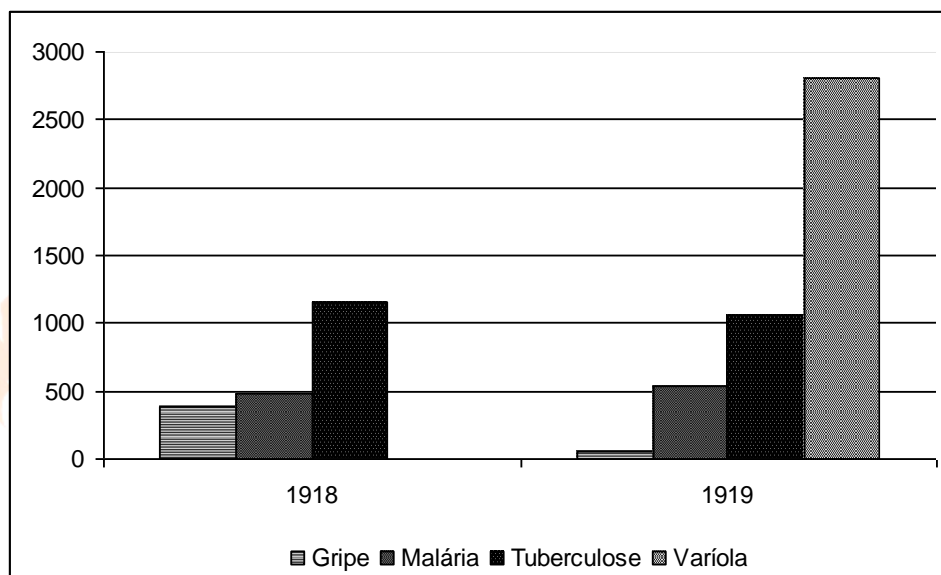


Gráfico 2: Mortalidade por doenças transmissíveis (1918-1919).

Fonte: MONIZ DE ARAGÃO, Antonio F.. Exposição apresentada pelo Dr. Antônio Ferrão Moniz de Aragão ao passar o governo da Bahia ao seu sucessor, o Exmo. Sr. Dr J. J. Seabra empossado nesse dia no cargo de governador do Estado no quadriênio de 1920 a 1924. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1920.

Todavia, para o articulista do jornal **O Imparcial**, de todas as epidemias que vinham devastando a capital naquela quadra, a varíola era a mais “terrivelmente

¹³ Cf. SOUZA, Christiane M. C. de. **A gripe espanhola na Bahia:** saúde, política e medicina em tempos de epidemia. Salvador / Rio de Janeiro: EDUFBA / FIOCRUZ, 2009.

¹⁴ VALHA-NOS a Providência – Febre Amarela e Variola. **O Imparcial**, p. 2, 20/06/1919.

¹⁵ SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A constituição de uma rede de assistência à saúde na Bahia, Brasil, voltada para o combate das epidemias. **Dynamis:** Acta Hispanica ad Medicinae Scientiarumque Historiam Illustrandam, Granada, ES, vol. 31, n. 1, 2011. Disponível em <<http://www.raco.cat/index.php/Dynamis/issue/view/18354>> Acesso em 27/04/2011.

alarmante e assustadora”.¹⁶ Além da possível surpresa de uma epidemia não esperada, que irrompeu de forma intensa, virulenta e letal,¹⁷ somaram-se os horrores físicos da varíola e a repugnância que a visão desses sinais provocava, bem como as dificuldades de subsistência da maior parte da população, observadas nesse período. Esse quadro talvez possa explicar porque aquele ano de 1919 de terminação nove ficou marcado na memória dos soteropolitanos como um ano funesto.

À MARCA DO MEDO NA FACE DA CIDADE

Em junho de 1919, alguns soldados do exército que regressaram de uma expedição proveniente da cidade de Barreiras, chegaram a Salvador apresentando sintomas da varíola. Internados no Hospital Militar, logo foram seguidos por outros, acometidos pela mesma doença. No mês seguinte a varíola atingiu os bairros de Brotas e do Pilar, sendo notificados 17 casos. Em agosto, mês aziago, a doença começou a alastrar-se pela cidade. Infectou, inicialmente, os moradores dos distritos centrais – Paço, Taboão, Santo Antônio, Santana e Sé –, alcançando, depois, até o subúrbio de Salvador.¹⁸

Vários fatores podem ter contribuído para a rápida disseminação da doença, dentre esses, as condições sociais em que vivia a camada mais pobre da população de Salvador, vítima da crise habitacional e da especulação imobiliária em curso naquele decênio.¹⁹ A reforma urbana e a expansão do setor de serviços contribuíram para aumentar a carência de imóveis nos distritos centrais da cidade.²⁰ Assim, os desprovidos de recursos pecuniários, em busca de baixos preços de aluguéis ou de maior proximidade com o trabalho, se aglomeravam nos velhos sobrados encortiçados,

¹⁶ VARIOLA! Variola! A epidemia assume proporções horríveis. O isolamento transborda – variolosos infestam as ruas. **O Imparcial**, p. 1, 24/10/1919.

¹⁷ Dentre as doenças infecciosas, a varíola é considerada uma das mais graves, matando entre 25% a 30% das pessoas infectadas não imunizadas. Cf. BRASIL. Fundação Nacional de Saúde. **Guia de vigilância epidemiológica**. Brasília: FUNASA, 2002, p. 855.

¹⁸ MONIZ DE ARAGÃO, Antonio F. **Exposição apresentada pelo Dr. Antônio Ferrão Moniz de Aragão ao passar o governo da Bahia ao seu sucessor, o Exmo. Sr. Dr J. J. Seabra empossado nesse dia no cargo de governador do Estado no quadriênio de 1920 a 1924**. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1920, p. 90-92.

¹⁹ Firmas comerciais, bancos, consultórios, bancas de advogados, etc., ocuparam os edifícios dos distritos centrais, expulsando seus antigos moradores. Cf. SANTOS, Mário Augusto Silva. **Crescimento urbano e habitação em Salvador (1890-1940)**. **RUA – Revista de Arquitetura e Urbanismo**, Salvador: Faculdade de Arquitetura da UFBA, v. 3, n. 4/5, p. 20-23, 1990.

²⁰ Ibid.

sobrelojas e casas de cômodo, situados no antigo centro de Salvador.²¹ Outros, especialmente os operários, disputavam espaço nos casebres e “avenidas” dos bairros fabris da periferia da cidade.²²

Essas eram, portanto, condições ideais para a disseminação da varíola, visto que o vírus se propagava, facilmente, de pessoa para pessoa, quando um indivíduo suscetível inalava gotículas de saliva e aerossóis provenientes das mucosas nasais e orofaríngeas expelidas por um infectado.²³ Embora menos frequentemente, a transmissão também poderia ocorrer pelo contato com as lesões de pele, roupas e outros objetos de uso do doente. Não era de espantar, portanto, que a doença se espalhasse rapidamente, atingindo famílias inteiras, vizinhos, colegas de trabalho e de escola, enfim, todos aqueles que ficaram expostos ao contato próximo com os infectados.

Reportagem veiculada em setembro no jornal **A Tarde** informava que, no Paço, Pilar e Taboão, havia, no mínimo, um doente por casa.²⁴ A Saúde Pública permitia que os acometidos fossem tratados em domicílio, desde que notificassem o inspetor sanitário do distrito e respeitassem as regras de higiene recomendadas, mas, segundo o articulista, condições como essas dificultavam o registro preciso do número de casos.

A matéria informava ainda que 160 doentes de varíola encontravam-se internados no Hospital de Isolamento. Naquele mês o hospital ainda possuía capacidade para acolher mais enfermos, visto que contava com um total de 200 leitos. Caso se decidisse pela internação, os parentes do enfermo poderiam acompanhá-lo mediante o pagamento de diária estipulada pela Saúde Pública.

²¹ Cf. NOVIS, Aristides. **Relatorio das principaes occurrencias do 5º districto de Saude Publica, no 2º semestre do anno de 1912, apresentado pelo Inspector Dr. Aristides Novis. Arquivo Público do Estado da Bahia.** Seção Republicana. Fundo: Secretaria do Interior e Justiça. Grupos: Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia. Séries: Relatórios das principais ocorrências do 5º distrito sanitário. Caixa: 3696, maço: 1028, 1912.

²² Cf. FERREIRA, Américo D. **Relatorio apresentado pelo Dr. Américo D. Ferreira sobre o serviço sanitario da Inspecoria do 17º districto durante o anno de 1920.** Arquivo Público do Estado da Bahia. Seção Republicana. Fundo: Secretaria do Interior e Justiça. Grupos: Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia. Caixa: 3696, maço: 1028, 1921.

²³ Menos frequentemente, ocorre a transmissão por contato com as lesões de pele, roupas e outros materiais utilizados pelo doente. Cf. HENDERSON, D. A.; MOSS; B. Smallpox and Vaccinia. **Plotkin, S.A.; Orenstein, W. A.,** editors. Vaccines. 3rd edition. Philadelphia: Saunders, 1999.

²⁴ E NÃO DECLINA a violenta epidemia... Ha 160 variolosos no Isolamento alem dos em domicilio. A affluencia aos postos sanitarios. **A Tarde**, p. 1, 17/09/1919.

Segundo nota divulgada no jornal **O Democrata**, órgão de imprensa do grupo político que estava no poder, a Diretoria Geral da Saúde Pública estava fazendo sua parte para conter a epidemia. As medidas praticadas eram as de praxe: a vigilância e notificação dos casos; o bloqueio da doença, através da vacinação; o isolamento dos doentes; a desinfecção e incineração das roupas do enfermo.²⁵

Todavia, apesar de todos os esforços do governo do estado, em 24 de outubro, a primeira página do jornal **O Imparcial** estampava uma manchete inquietante: “Variola! Variola! A epidemia assume proporções horríveis. O isolamento transborda – os variolosos infestam as ruas”. A matéria que se seguia informava que inúmeros doentes continuavam em suas residências sem os devidos cuidados.²⁶ Como não havia leitos suficientes no Hospital de Isolamento para acolher todos os enfermos, muitos eram vistos perambulando pelas ruas e praças públicas da cidade.

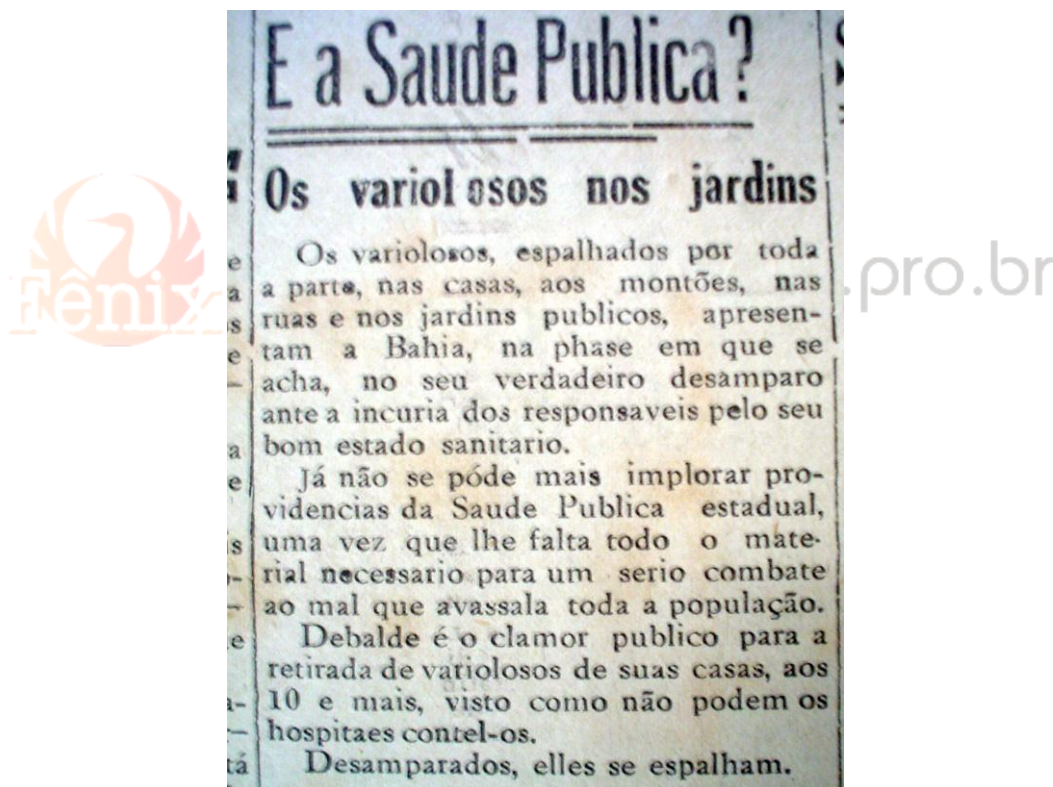


Figura 1: E a Saúde Pública? Os variolosos nos jardins.
Fonte: O Imparcial, 30/10/1919, p.1

O quadro descrito nos jornais era macabro: doentes estendidos nas sarjetas, expondo as pústulas, impudicamente, “á luz do sol e á vista de todos” [sic] ou a gemer e

²⁵ A VARIOLA do “Diário da Bahia”. **O Democrata**, p. 1, 09/10/1919.

²⁶ VARIOLA! Variola! A epidemia assume proporções horríveis. O isolamento transborda – variolosos infestam as ruas. **O Imparcial**, p. 1, 24/10/1919.

a tossir, desesperadamente, sob as árvores dos jardins públicos, nos adros das igrejas, abrigando-se até nas escadarias das residências particulares.²⁷

Notícias como esta figuravam nas páginas de outros jornais da capital e revelavam a repulsa que exposição das vesículas, pústulas e crostas por todo o corpo do doente provocava, como também o medo do contágio e da morte, sentimentos próprios dos períodos de epidemias. A doença, que desfigurava e vitimava familiares, amigos, colegas de trabalho, vizinhos de rua ou do bairro, etc., constituía-se em uma ameaça próxima, concreta. Todavia, nem sempre a repugnância pelos sinais externos da doença, e o medo do contágio, próprio da necessidade natural de autopreservação, eram impedimentos para que as pessoas exercessem atos caritativos ou de solidariedade humana, conforme se pode observar na matéria jornalística a seguir:

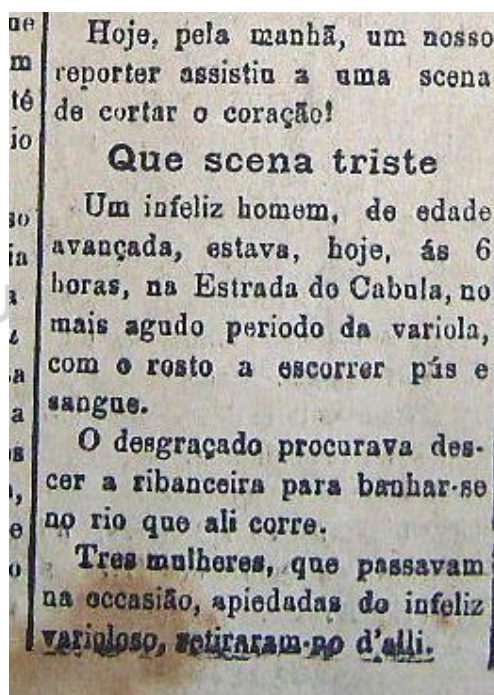


Figura 2: Varíola.

Fonte: Diário de Notícias, 08/10/1919, p. 1.

Em novembro, o estado era de calamidade pública. Em matéria publicada no jornal O Imparcial no dia 4 de novembro, um articulista calculava que em apenas três dias haviam morrido cerca de 100 pessoas.²⁸ Em vão, as pessoas solicitavam à Saúde

²⁷ VARIOLA! Variola! A epidemia assume proporções horríveis. O isolamento transborda – variolosos infestam as ruas. **O Imparcial**, 24/10/1919, p. 1; E A SAUDE PUBLICA? Os variolosos nos jardins. **O Imparcial**, p. 3, 30/10/1919

²⁸ A VARIOLA assume proporções assustadoras. Em 3 dias mais de 100 mortos! **O Imparcial**, p.1, 04/11/1919.

Pública a retirada dos doentes de suas casas, já que o hospital não tinha mais capacidade para acolher mais doentes. Houve dia de ali se encontrarem internados 540 doentes, com uma média de 25 internamentos por dia.²⁹ O antigo lazareto também não dispunha mais de leitos, visto que 150 doentes já ocupavam os disponíveis.³⁰ Além desses espaços, o governo do estado instalou uma enfermaria provisória na Rua do Baluarte.³¹ Em finais de outubro o jornal *O Imparcial* informou que o governo estadual cogitara adquirir uma casa no Largo da Boa Viagem para transformá-la em hospital, mas a informação não se confirmou.³²

Desnorteados, enfermos perambulavam pelas ruas, cadáveres amontoavam-se nas casas e nas vias públicas, sem transporte para levá-los às valas onde deveriam ser sepultados. Nota publicada no **Diário de Notícias** informava que pessoas que viajavam nos bondes da Calçada denunciavam que continuamente podiam ser vistos, ao abandono dos leitos das linhas dos bondes, cadáveres originários dos bairros do Alto do Peru, de São Caetano e de Pirajá.³³ Esses bairros estavam situados na periferia da cidade e eram habitados, em sua maioria, por gente sem recursos, cujos mortos ali ficavam aguardando o transporte que os levaria ao cemitério.

Determinava a legislação que, em casos de óbito por doença infectocontagiosa, os ritos que acompanhavam a passagem para a outra vida deveriam ser suprimidos, o sepultamento deveria ser feito com rapidez e discrição, sendo proibido o acompanhamento do defunto por parte de amigos e familiares. O artigo 52, da Lei n. 1231 de 31 de agosto de 1917, estabelecia que transporte e sepultamento do féretro seguiriam as “devidas precauções” para evitar a possibilidade dos cadáveres “transmitirem ou dispersarem germens ativos de moléstias contagiosas”.³⁴ Em conformidade com a Lei, o Desinfectório Central disponibilizava um serviço de

²⁹ A VARIOLA. O “Correio da Manhã” ataca o governo bahiano. **O Imparcial**, p. 1, 16/11/1919.

³⁰ Ibid.

³¹ MONIZ, Gonçalo. **Relatório**. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1921, p. 350.

³² HOSPITAL DE variolosos em plena cidade? Notícia alarmante. **O Imparcial**, p. 1, 26/10/1919.

³³ A VARÍOLA na Massaranduba. A missão acadêmica do “Diário de Notícias”. A remoção de variolosos. Cadáveres ao abandono. O hospital do Baluarte. **Diário de Notícias**, p.1, 20/11/1919.

³⁴ Cf. Lei n.º 1.231 de 31 de agosto de 1917. Reorganiza o serviço sanitário do Estado. **Bahia. Leis do Estado da Bahia do ano de 1917**. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1918.

transporte do féretro até o cemitério, podendo ser contratados, caso houvesse necessidade, os bondes da Linha Circular.³⁵

No cemitério das Quintas dos Lázaros, o movimento de carros e bondes funerários era intenso. Às vezes, nem bem se tinha descarregado um caminhão com cadáveres de variolosos, chegava um bonde com outro tanto para sepultar.³⁶ Os coveiros cavavam uma média de 40 a 50 covas por dia, que assim que ficavam prontas eram imediatamente ocupadas.³⁷ Houve ocasião em que o número de sepultamentos superou a média: 68 inumações.³⁸

Diante do número crescente de óbitos, os coveiros varavam a madrugada, mesmo assim, houve dia em que, pela manhã, os jornalistas que documentavam a epidemia flagravam cadáveres que ainda estavam insepultos e já em estado de decomposição.³⁹ Para agravar o quadro, os coveiros, cujo trabalho aumentava em escala inversa à irrisória remuneração que recebiam, solicitaram ao governo estadual um aumento de salário, suspendendo provisoriamente suas atividades até que a sua solicitação fosse atendida.⁴⁰

Nesse período, um repórter do jornal **A Tarde** flagrara uma família que “andava em via sacra de cova em cova” a procurar “a sepultura de um parente querido”.⁴¹ Esforço baldado, segundo o jornalista, pois não havia número ou registro que a identificasse das demais. O número descomunal de sepultamentos verificado nesse período justificava a quebra de protocolo do cemitério.

Contemplar a morte despida de todos os rituais funerários tradicionais representava para aquela sociedade uma ruptura brutal e desumana dos códigos socioculturais. A supressão da liturgia fúnebre, dessacralizava a morte, tornando-a ainda muito mais temível. As práticas culturais relativas aos ritos que acompanhavam o adoecimento, o morrer e a morte ajudavam a digerir a perda, a extravasar a dor,

³⁵ Cf. MONIZ DE ARAGÃO, Antonio F.. **Exposição apresentada pelo Dr. Antônio Ferrão Moniz de Aragão ao passar o governo da Bahia ao seu sucessor, o Exmo. Sr. Dr J. J. Seabra empossado nesse dia no cargo de governador do Estado no quadriênio de 1920 a 1924.** Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1920, p. 93.

³⁶ A CIDADE hospital! A offensiva da peste marcha triunphante. **A Tarde**, p. 1, 01/11/1919.

³⁷ Ibid.

³⁸ A VARIOLA. O obituário cresce. **O Imparcial**, p. 1, 12/11/1919.

³⁹ **A Tarde**, 1919; Ibid., p. 1.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Ibid.

conferiam identidade e ofereciam algum conforto e segurança aos que perderam seus entes queridos. A “peste” roubava o respeito devido aos mortos e o direito das famílias prestarem-lhes as homenagens devidas.

Todavia, ainda que se abstivessem de velar o morto, rezar missa de corpo presente e acompanhar o féretro até a sua última morada, os católicos não se atreviam a negar a extrema-unção ao moribundo. Fotografia do vigário da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, levando o conforto da religião aos que se encontravam às portas da morte, publicada em **A Tarde**, atesta a prática:



Figura 3: A peste avassalla a cidade. Salve-se quem puder! É o recurso dos vencidos.

Fonte: A Tarde, 4 de novembro de 1919, p. 1.

As rupturas brutais impostas pela doença epidêmica à vida cotidiana e às relações sociais iam, paulatinamente, transformando a fisionomia de Salvador. A situação se agravara a tal ponto que deixou em suspenso a vida na cidade: o comércio fechado, as ruas quase desertas, visto que, temendo o contágio, as pessoas preferiam recolher-se aos seus lares. Os poucos que se aventuravam fora de casa, traziam na face

as marcas da doença.⁴² Esses, talvez, já se sentissem imunes à varíola, mas tal como os que ainda se sentiam ameaçados pelo mal, nutriam, certamente, sentimentos característicos dos períodos de crise epidêmica – insegurança, medo, ansiedade, angústia, desalento – provocados pelas transformações do cotidiano, pelas perdas e pelo assédio da morte.⁴³

Esse quadro de angústia e ansiedade não gerou, em Salvador, os distúrbios sociais, a histeria coletiva, nem a fuga dos lugares infectados, etc., comuns às narrativas de eventos epidêmicos. Um repórter até insinuou que poderia ocorrer evento semelhante à *Cemiterada*,⁴⁴ caso o governo insistisse em abrir valas para sepultar os variolosos em um campo de futebol existente no bairro de Brotas.⁴⁵ A documentação consultada não menciona se o projeto foi efetivado, mas durante o período não se registrou nenhum tipo de distúrbio relativo à epidemia.



www.revistafenix.pro.br

⁴² A VARIOLA assume proporções assustadoras. Em 3 dias mais de 100 mortos! **O Imparcial**, p.1 04/11/1919.

⁴³ Ao estudar as sociedades atingidas por epidemias nos períodos medieval e moderno, Delumeau percebeu que as epidemias geram uma estética própria e uma sensibilidade especial – “o medo das pestes” –, resultante da “ruptura inumana” da sociabilidade e da subversão dos ritos que envolvem a morte. Cf. DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

⁴⁴ Revolta popular motivada pelas transformações impostas aos rituais funerários na Bahia no século XIX. Cf. REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

⁴⁵ A CIDADE hospital! A ofensiva da peste marcha triunfante. **A Tarde**, p. 1, 01/11/1919.



Figura 3: A cidade hospital! A ofensiva da peste marcha triunfante. Governo quer pestear o bairro de Brotas – os seus moradores devem repetir a Cemiterada”.

Fonte: A Tarde, 1 de novembro de 1919, p. 1.

Ao contrário, tal como fizeram durante a epidemia de gripe, os baianos diluíram a tensão provocada pelo risco de contágio e pela intensificação das experiências de morte através da celebração de rituais religiosos.⁴⁶ Os ritos católicos reuniam muitos fiéis, ainda que tal confluência de indivíduos em espaços fechados como os das igrejas contrariassem as recomendações médicas para períodos de epidemias.

As missas, romarias, as penitências, a adoração de imagens, dentre outras manifestações de religiosidade, eram realizadas no intuito de aliviar o sofrimento e suplicar a misericórdia divina. Era grande o número de devotos que se dirigia,

⁴⁶ Cf. CRUZ DE SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A gripe espanhola na Bahia de Todos os Santos: entre os ritos da ciência e os da fé. *Dynamis*, Granada, Barcelona: 2012. Disponível em <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0211-95362010000100002&lng=es&nrm=iso>. accedido em 25 mayo 2012. <http://dx.doi.org/10.4321/S0211-95362010000100002>.

continuamente, em romaria e penitência à Igreja de Nosso Senhor do Bonfim suplicar-Lhe que aplacasse os horrores da ‘peste’.⁴⁷



O templo do Senhor do Bonfim, que se enche diariamente, deromeiros cheios de fé

Figura 4: A epidemia e as suplicas a Deus. As romarias e penitências do povo.

Fonte: O Imparcial, 29/11/1919, p. 1

Várias procissões percorriam as ruas da cidade entoando preces aos santos advogados contra pestes: São Roque, São Lázaro e São Francisco Xavier.⁴⁸ Por sua posição na esfera celeste, os santos eram considerados intercessores poderosos, atuando como elemento de ligação entre Deus e o devoto. Vistos como aliados celestes do homem, os santos advogados eram invocados para mitigar as dores da alma, resolver problemas práticos da vida, curar os males do corpo e do espírito e eram freqüentes as promessas para recuperar a saúde.

Em tempos de epidemia as imagens dos santos desciam dos altares para ficarem mais próximas das súplicas dos fiéis. Para o devoto, a proximidade física com

⁴⁷ A EPIDEMIA e as suplicas a Deus. As romarias e penitências do povo. **O Imparcial**, 29/11/1919, p. 1.

⁴⁸ Para saber sobre a hagiografia desses santos, bem como as devoções relativas aos períodos de epidemias, consulte: CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A., 1972; DAVID, Onildo Reis. **O inimigo invisível: epidemia na Bahia no século XIX**. Salvador: EDUFBA, 1996; VERGER, Pierre. **Os Orixás**. Salvador: Editora Corrupio, 2002.

os elementos do sagrado aumentava a sensação de conforto e proteção divina contra a peste e a morte súbita por doenças graves e contagiosas.⁴⁹ Foi por isso que a antiga imagem de São Roque desceu do seu altar na Igreja do Bonfim e São Lázaro saiu da sua igreja, situada em bairro homônimo, na periferia, para ser exposta à adoração dos fiéis na Igreja de Nossa Senhora da Barroquinha, no centro da cidade.⁵⁰

A identificação dos santos católicos com os orixás do Candomblé pode ter contribuído para reforçar o apelo dos baianos ao Senhor do Bonfim, a São Roque e a São Lázaro.⁵¹ No paralelismo religioso, o Senhor do Bonfim é associado a Oxalá, considerado o pai de todos os orixás e dos seres humanos, aquele regula o fim da vida.⁵² Já São Roque é associado à Obaluaiyê, moço e forte, enquanto São Lázaro é relacionado à Omolu. Ambos são manifestações de um mesmo orixá, denominado também de Xapanã e Sakpatá.⁵³



www.revistafenix.pro.br

⁴⁹ Cf. CRUZ DE SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A gripe espanhola na Bahia de Todos os Santos: entre os ritos da ciência e os da fé. **Dynamis**, Granada, Barcelona, 2012. Disponível em << <http://www.raco.cat/index.php/Dynamis/article/view/218634/298372>>> Acesso em 25 de Maio de 2012.

⁵⁰ A EPIDEMIA e as supplicas a Deus. As romarias e penitencias do povo. **O Imparcial**, 29/11/1919, p.1.

⁵¹ Durante a colonização, quando as manifestações religiosas dos escravos eram proibidas, eles camuflavam sua crença cultuando santos católicos cujas imagens e hagiografias continham elementos de correspondência com os orixás (cores das vestes, marcas no corpo, atributos, etc.).

⁵² CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A., 1972, p. 178-179.

⁵³ Cf. Carneiro, Edison. **Candomblés da Bahia**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.66.

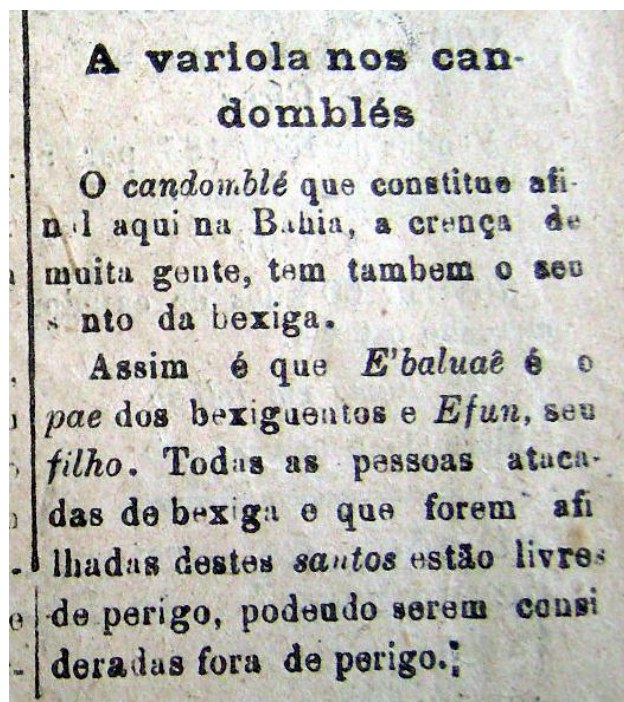


Figura 3: A varíola. A missão acadêmica hontem a Massaranduba.

Fonte: Diário de Notícias, 21/11/1919, p. 1.

Em tempos de epidemia, era comum encontrar nas encruzilhadas das ruas de Salvador oferendas para esse orixá, capaz de espalhar e de curar as febres, as doenças contagiosas e as epidemias.⁵⁴ Através da prática do sacrifício ritual e das oferendas aos deuses e aos antepassados, o crente restituía a energia recebida do mundo sobrenatural. A constância de tais práticas garantia a permanência do indivíduo na vida terrena, assim como a circulação e o equilíbrio da energia vital entre o plano terreno e o espiritual, afastando os males que resultam da interrupção desse circuito: seca, fome, pobreza, doença e morte.⁵⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Salvador mal descansara das turbulências causadas pela gripe espanhola no final de 1918 e se deparara com uma terrível epidemia de varíola. Essa

⁵⁴ CRUZ DE SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A gripe espanhola na Bahia de Todos os Santos: entre os ritos da ciência e os da fé. *Dynamis*, Granada, Barcelona, 2012. Disponível em <http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0211-95362010000100002&lng=es&nrm=iso> Acesso em 25 de Maio de 2012. <http://dx.doi.org/10.4321/S0211-95362010000100002>.

⁵⁵ Cf. LÉPINE, Claude. Nossos antepassados eram deuses. *Comunidade Virtual de Antropologia*, Jun/ Jul 2011, p. 01 – 24. Disponível em << <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a6-clepine.pdf>>>.

epidemia de 1919 ceifou muito mais vidas que a espanhola, mas foi relegada aos arquivos de jornais e aos relatórios dos serviços sanitários. É provável que o caráter pandêmico da gripe a tenha alçado a uma posição de destaque em termos de produção histórica e de memória vis-à-vis a varíola.

As respostas dos serviços sanitários e da população de Salvador ao evento epidêmico da varíola são reveladoras dos medos, angústias, preconceitos e dos recursos materiais e culturais da sociedade baiana na Primeira República. A desordem epidêmica desvelava como e com que instrumentos uma sociedade buscava a ordem e a estabilidade, depois de um biênio mórbido. Nesse sentido retomamos a perspectiva de autores que, como Charles Rosenberg, indicam que epidemias não são eventos apenas biológicos, eles são profundamente sociais, políticos e culturais, que podem tanto aprofundar hierarquias, desigualdades, conflitos e preconceitos como podem, também, produzir compaixão, solidariedade e cuidados.

